AVEIRO, 17 DE JULHO DE 1981 — ANO XXVII — N.º 1351

Litoral

Director, editor e proprietário — David Cristo
Chefe da Redacção: Júlio de Sousa Martins
— Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 35 — Aveiro (Tel. 22251)
Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 7$50

Distrito de Aveiro

... Minha preocupação!

MANUEL BÓIA

CONTRA a expectativa de muitos e apesar das artimanhas de alguns «aveirenses», reafirmou-se o valor do Distrito de Aveiro nos últimos tempos.

Para tal, foi muito importante o impulso dado pelo actual Governador Civil que, afanosamente, vai facilitando as ligações de Aveiro com os restantes concelhos e promovendo grandes iniciativas, imediatamente divulgadas pelos órgãos de Comunicação Social com títulos que louvam o desenvolvimento económico do Distrito.

Na imprensa da cidade vêem-se, agora, muitos mais a defender a solidez dos nossos limites, mostrando hostilidade perante a destruição do que nos pertence, contestando, por forma clara, que qualquer outra divisão administrativa, porque centralizadora, seja melhor do que a solução distrital.

Mas, vencida a crise de quatro meses sem governador, há esperanças de que tudo se normalizará e o Distrito de Aveiro vai subsistir?

Não estou muito optimista, porque um grande conluio de regionalistas continua a pretender, à luz dos seus interesses e conveniências, fazer traçar um caminho falso, com desconhecimento das realidades e sem pensar nas perturbações e crises que viriam destruir tantas instituições capazes.

O alargamento da participação dos verdadeiros amigos do Distrito de Aveiro na discussão desta questão — referindo, frequentemente, que Portugal muito perderia sem a nossa ânsia de percorrer caminhos por nós próprios delineados — corresponde a uma obrigação mo-

Continua na 5.ª página

REGIONALIZAÇÃO ou AVEIRO BOMBO-DE-FESTA

JOAQUIM FERREIRA

REGIONALIZAÇÃO é um termo caro aos que vivem fora das capitais (sejam elas de 1.ª, 2.ª ou 3.ª), pois faz ressoar esperanças: — participação mais activa dos cidadãos na gestão dos assuntos da região; racionalização dos recursos da região; implantação de serviços para a região; descentralização.

Os políticos e os técnicos de planeamento agitam, de vez em quando, o problema, por motivos diversos: crença na democracia (participação dos cidadãos); gestão participada; planeamento como um fim, manter os cidadãos «ocupados» em discussões estéreis...

Mas vejamos o problema aos poucos.

1. — O título justifica-se por o PC haver dado recentemente uma festa em Aveiro ao mesmo tempo que o vereador da APU na Mealhada apresentava uma proposta para a integração do seu concelho no Distrito de Coimbra, apoiado em razões históricas, que... pasme-se, remontam a 1800!

Mas para Aveiro o maior perigo vem do entusiasmo do Dr. Marcelo Rebelo de Sousa no seu «Expresso». Não esqueçamos que este ilustre político deverá entrar no Governo, em breve, como «criador de factos políticos»... e nada agrada mais a uns milhões de portugueses do que falar em regionalismo: sempre é mais agradável do que falar no aumento do custo de vida, ainda que se oiça anunciar na televisão um constante abaixamento de preços e aumento de salários.

O «Expresso» lança uma campanha e, de imediato,

Continua na 3.ª página

Na transmissão de poderes do Rotary

"FAZER DE AVEIRO A PROVÍNCIA DA EUROPA E A CAPITAL DA PAZ"

JOSÉ NAIA

Poderia ter sido uma «brilhante festa» do Rotary Clube de Aveiro. Igual a tantas outras que, ao longo do ano, os membros daquele Clube realizam. Com ou sem palestra de fundo. Com mais ou menos flores. Com mais ou menos encomiásticas palavras para este ou para aquele elemento. Mas não foi nada disso, ou melhor, foi isso e muito mais. Pelo menos, desta vez, naquela noite de segunda-feira última, o Rotary Clube de Aveiro teve a sua festa de transmissão de poderes e ouviu-se proclamar uma frase que pôs toda a gente de pé:

«...e se a divisa do nosso Governador neste ano é a compreensão mundial através do Rotary, então unamo-nos todos para FAZER DE AVEIRO A PROVÍNCIA DA EUROPA E A CAPITAL DA PAZ».

Quem proferiu esta frase, quase diríamos lapidar, foi

Continua na 6.ª página

Problemática da Habitação Social

No dia 7 do corrente, o Governador Civil do Distrito de Aveiro e os Presidentes das Câmaras do Distrito reuniram, em Lisboa, com o titular da pasta da Habitação e Obras Públicas, a fim de debaterem os problemas que mais preocupam, no momento, as Câmaras Municipais, no domínio da habitação social.

Duas ordens de problemas foram analisadas e postas à consideração do Ministro e, sobre elas, o mesmo fez uma completa e pormenorizada explanação, cingindo-se no essencial ao seguinte:

1. — exposição dos possíveis sistemas para a resolução das carências habitacionais, mediante recurso a linhas de crédito, com juros bonificados, que permitirão encontrar meios técnicos e financeiros capazes de permitir a construção de fogos, relativamente ao défice actual e necessidades futuras que apontam para a construção de cerca de 40 000 fogos/ano. Assim,

2. — teremos fundamentalmente dois sistemas, sendo um para os chamados solventes, em que o juro bonificado andará à volta de 16,5%, e cuja promoção poderá caber às autarquias locais, fundações ou outras instituições de interesse público; o outro para os chamados insolventes ou débeis

Continua na 3.ª página

Segunda de duas etapas monocórdicas

O MEU ROSSIO

EDUARDO CERQUEIRA

Meu prezado Gaspar Albino:

Como vínhamos dizendo, eu nem morri de todo, efectivamente, nem alijei quanto tenho ainda a abarrotar dentro de mim sobre o Rossio. O de S. João, como nos tempos de antigamente se lhe chamou, para o distinguir de um outro que andaria por um terço da actual Praça do Marquês de Pombal, que denominavam o das Carmelitas, quando mais modestamente não lhe trocavam a designação pela de o mero Terreiro.

E concordo que, por bem, e porventura até mesmo para bem, se bula, com propósitos de benéfica modernização naquele amplo logradoiro público, que já não é bastante espaçoso para a mais de semi-milenária «Feira de Março», mas foi, para mim, quando era um muito mais pequeno padrão de medida, aqui há bons seis decénios

Continua na 3.ª página

Regionalismo Canhestro

ORLANDO DE OLIVEIRA

VIMOS então que este problema do regionalismo é um ídolo com pés de barro e isto pela razão simples de não se saber o que é uma REGIÃO. Apenas encontramos definições vagas que não satisfazem e tudo isto ainda é agravado pelos erros próprios da actuação humana.

Sem sairmos do País, e para reforço do significado vago da palavra região, vemos que, se dissermos «região portuguesa», todos tomam a expressão como sinónima de Portugal; se nos referirmos à «região transmontana», isso será o mesmo que província de Trás-os-Montes; se falarmos da «região de Viseu», estaremos a abarcar um distrito; se tratarmos da «região da Bairrada», isso será apenas parte do distrito de Aveiro; se dissermos a alguém que a **Celulose** fica na «região de Cacia», a área abrangida será apenas a de uma freguesia; e assim por diante.

Região é tudo e, por isso mesmo, não é nada. Nunca os homens se entenderam a este respeito.

Ao contrário de **região**, a entidade **distrito** nasceu sob o signo do concreto e é ela a que teremos que nos apegar se quisermos efectivamente realizar boa regionalização. Os seus detractores dizem que o distrito está ultrapassado só por ser (pejorativamente) napoleónico. Seremos nós — pobres formigas — capazes de beliscar gigantes como Napoleão? Se ele foi efectivamente o grande impulsionador da elaboração do Código Civil, também chamado napoleónico, com mais de 2 000 artigos; se desse Código vieram a resultar

Continua na 3.ª página

Achegas para a

HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

LXXXVII

Há já muito, mesmo muito tempo, que não aparecem por Aveiro os homens que vendiam **capachos** feitos de **palha braceja.**

Quando eles apareciam era sinal de que o Inverno ia começar, pois, normalmente, o seu aparecimento dava-se pelas alturas do Natal.

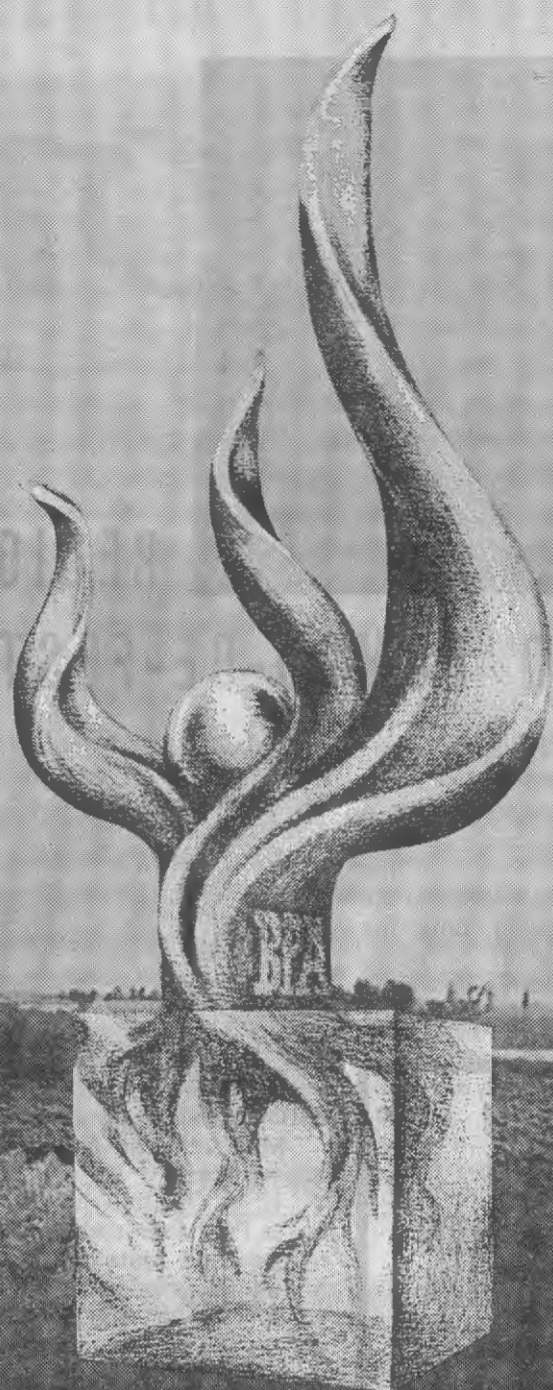
Toda a população os considerava como anunciadores de chuva.

Era gente de **Bezela**, concelho de **Penedono**, distrito de **Viseu**, que, no Verão, ia apanhar a palha à serra, e aos serões confeccionava os capachos. Havia-os **rectangulares**, para serem colocados às portas das casas; os **redondos**, que serviam de assento nas cadeiras e, no chão, junto destas, para repousar os pés; e, ainda, os **enfia-pés**, que se destinavam àquilo que o próprio nome indica. Estes, no Inverno, davam um **jeitão** às pessoas que tinham de estar um dia inteiro a trabalhar à secretária e, bem assim, às donas de casa que, nas suas horas de lazer, se entretinham com a costura e o «tricot», pois lhes conservavam os pés quentinhos.

É que nessa altura, não havia nem as **escalfetas**, nem os **irradiadores**, nem o **ar condicionado**, nem os outros sistemas de aquecimento de que hoje dispomos e se usam nos escritórios, nas oficinas e nas nossas casas.

É verdade que, em algumas, havia as braseiras, que eram alimen-

Continua na 3.ª página

N. de A. — É de esperar que, com a rotina, a situação venha a normalizar.

O Regulamento e todas as informações sobre esta iniciativa BPA estão à disposição das Empresas interessadas no Banco Português do Atlântico, Departamento de Marketing, Praça D. João I-Porto, Rua do Ouro, 110-Lisboa ou no "Stand" BPA na "AGROVOUGA"

TRIBUNAL JUDICIAL DE AVEIRO

2.º Juízo

ANÚNCIO

2.ª Publicação

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução — Sumária — n.º 150/79 — 2.ª secção.

Exequentes — Raul Teixeira Rodrigues, casado, industrial, de Azurva.

Executado — FRUTÁGUEDA, L.da, sociedade comercial, com sede na Rua Dr. Eugénio Ribeiro, 41 — Águeda.

Aveiro, 29 de Junho de 1981

O Juiz de Direito,

a) **José Augusto Maia Macário**

O Escrivão de Direito

a) **Domingos M. Vilas Boas dos Santos**

LITORAL - Aveiro, 17/7/81 — N.º 1351

DAR SANGUE É UM DEVER

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

2.º Juízo

ANÚNCIO

1.ª Publicação

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação e vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio.

Execução de sentença n.º 142/76-B, 2.ª secção.

Exequentes: Veículos Casal, Lda., com sede em Taboeira-Esgueira.

Executado: José dos Prazeres Carvalho e mulher Maria Gisela Pessoa Pereira, residentes em S. Romão-Seia.

Aveiro, 13 de Julho de 1981

O Juiz de Direito,

a — **José Augusto Maio Macário**

O Escrivão de Direito,

a) — **Domingos M. Vilas Boas dos Santos**

LITORAL - Aveiro, 17/7/81 — N.º 1351

Aveiro Bombo - de - Festa

Continuação da 1.ª página

opta por um esquema que, por acaso, até é do Ministro do Interior; que por acaso... coincide com o defendido pelas Comissões de Planeamento (ou coordenação); estas que, por acaso... até são presididas por «Companheiros» do director do jornal.

E... Aveiro vê passar-se para o Região Norte: Espinho, Vila da Feira, S. João da Madeira, Oliveira de Azeméis, Castelo de Paiva e Arouca.

Já se perguntou às populações qual o esquema que mais lhes convém? Parece que não vale a pena! Tudo está decidido!

2. — Importa recordar que existem no momento duas concepções de «divisão regional»: uma privilegia a divisão que agrupa o interior com a faixa costeira e baseia-se na asserção de que as assimetrias seriam assim corrigidas (que isto não funciona basta olhar o mapa deste País); — e esta é preferida pelo MAI; outra concepção pretende separar as regiões interiores das regiões litorais (ou, se quiserem, as mais pobres das mais ricas) e baseia-se no pressuposto de que só o poder central tem capacidade para corrigir as assimetrias (que isto não funciona basta olhar para o mapa deste País) — e vem da Direcção do Planeamento (Ministério das Finanças).

3. — Uma e outra «criam» as capitais de 2.ª! Aqui é o modelo do MAI — «Expresso» é claro: Porto, Coimbra, Évora são escolhidas. Poderá o cidadão perguntar-se: — Em que bases? Se fizer este exercício, dar-se-á conta de que são meras influências que ditam a escolha. A razão que lhe indicam será a de que estas cidades têm estruturas (sociais, humanas, habitacionais e outras). Uma justificação idêntica à utilizada pelos governos para não «largarem» Lisboa.

Contradições para quem se diz defensor do regionalismo?

Não vale a pena perguntar... porque poderiam «encobrir» estas opções dizendo que o Porto é mais importante que Coimbra... ou Coimbra é mais importante que...

Será Évora mais importante que Faro?

4. — Ninguém pede aos nossos políticos que tenham uma certa coragem e, à nossa escala, optem como os brasileiros (Brasília pelo Rio).

Pede-se é que «deixem» as pessoas discutir por que é que, havendo na Região das Beiras (divisão proposta) tantas cidades, haja sido «escolhida» uma... talvez as populações assumam a regionalização como uma dinâmica que nada tem a ver com a criação de capitais e capitaizinhas.

5. — Aveiro tem estado adormecida e, salvo uma louvável iniciativa do «Galitos», tem-se limitado a ver das Pontes as «bactérias em actividade no canal do Cojo».

A verdade é que Aveiro, perdendo larga faixa a Norte e a Sul, não ganha muito, mesmo que seja escolhida como capital de 3.ª... É que muito pouco fica para «regionalização».

O LITORAL tem a «obrigação» de alertar os Aveirenses.

JOAQUIM FERREIRA

P.S. — Tendo o rascunho terminado, dou-me conta de que os deputados passam a auferir 120 contos/mês em média (sem contar com o truque dos quilómetros). Ora, como esse dinheiro vem das contribuições e impostos dos cidadãos que os elegem e como todos eles defendem a regionalização, está a gerar-se entre os 15 deputados eleitos por Aveiro um «movimento» de que urge dar conta «pelos auspiciosos resultados que Aveiro espera obter».

O Deputado do PCP, em vez de dar o dinheiro ao partido, conforme se lê nos jor-

Continua na 6.ª página

Habitação Social

Continuação da 1.ª página

económicos, cujo juro poderá atingir 3,5% e cuja promoção poderá também caber às autarquias, fundações e outras instituições de interesse público e ao próprio Fundo de Fomento de Habitação.

3. — Existindo, no entanto, no Distrito de Aveiro, e pelo menos em oito concelhos, programas do Fundo do Fomento de Habitação, no total de 1 170 fogos, que já foram a concurso nos meses de Setembro a Dezembro/80 e que não foram ainda adjudicados, o que estava causando graves e legítimas apreensões aos autarcas, haveria que encontrar para esses casos pontuais uma solução positiva e urgente, o que se reclamava como justeza de uma acção, eficaz e consciente, para não defraudar as legítimas expectativas já criadas nas populações.

Para esses casos pontuais foi prometida pelo Senhor Ministro uma adequada intervenção no sentido de que, através do segundo sistema apontado, e mediante a promoção directa do Fundo do Fomento de Habitação, esses programas fossem adjudicados dentro de sessenta dias.

4. — Representando tudo isto a definição de uma nova política de habitação mais realista e consentânea com as exigências e condicionalismos do actual contexto sócio-económico em que vivemos, haverá apenas que concertar ainda alguns pormenores de ordem legislativa, a fim de que os sistemas preconizados possam entrar brevemente no campo da materialização.

Regionalismo canhestro

Continuação da 1.ª Página

os distritos; e se na nova divisão regional portuguesa em estudo apenas o distrito de Faro tem o privilégio de formar, ele sozinho, uma região; poderemos então dizer que o tal código napoleónico já teve uma visão muito antecipada do que viria a ser o turismo algarvio.

Nunca os homens se entenderam, dissemos atrás. E é verdade.

Entre outros elementos probatórios, lembremos:

1 — Ferro de Moncorvo — Entre as dádivas que a natureza nos prodigalizou, os jazigos de ferro da **região** de Moncorvo têm altíssimo valor económico. Situam-se em Fragas da Carvalhosa, distrito (região) de Bragança, é explorado desde 1950 e contém reservas de minério (hematite) ainda hoje avaliadas em 300 milhões de toneladas.

São jazigos formados por antigos depósitos posteriormente transformados por acções metamórficas e, embora de bom teor de mineral, não deixam de possuir apreciável percentagem de ganga.

Tudo o que fica dito deixa antever que a instalação de um centro industrial siderúrgico se deveria processar na **região** mineira de Moncorvo. Seria um formidável polo de desenvolvimento local e regional, com fixação de populações numerosas, chamariz de técnicos de todos os escalões, razão suficiente de criação de estabelecimentos de ensino de investigação e tecnologia, fixação de novas indústrias secundárias para aproveitamento dos desperdícios da indústria principal, etc. etc.

Mas, contra todos estes vectores lógicos e valiosos, a clássica macrocefalia lisboeta, instalou a «siderurgia nacional» na vila (já cidade?) do Seixal! Parece anedota mas é verdade de todos conhecida.

A comprovar que o local aonde se fizesse essa instalação seria grande polo de atracção, basta ver o desenvolvimento assumido em poucos anos por essa localidade chamada Seixal.

Depois de feita a instalação, vieram as carpideiras a chorar a pobreza de Trás-os-Montes e o seu fraco desenvolvimento.

Pudera! Fazem-lhe sangrias valiosas sem as compensarem de algum modo!

Ao contrário do que seria admissível, é agora, depois de praticado o erro, que se pensa no transporte do minério, ou pela fluvialidade do Douro ou por novos caminhos de ferro. Será solução? Talvez, mas defeituosa porque a produção é fortemente onerada com o transporte inaproveitável da ganga.

Não é assim que se realiza o desenvolvimento harmonioso «tão apregoado pelos defensores

Conclui na 6.ª página

Na transmissão de poderes do Rotary

Continuação da 1.ª Página

Monteiro de Freitas («sou doutor no Brasil, aqui não»), do Rotary Clube de Oliveira de Azeméis que, com os representantes dos clubes de Ovar e de S. João da Madeira, vieram ali, naquela noite rotária, trazer o abraço e a amizade dos associados daqueles clubes do Distrito.

Momentos antes, Estêvão de Sousa Rosas, o novo Presidente do Clube, que tinha recebido o mandato da mão de Anselmo Santos, disse, quando traçava ou dava a conhecer as intenções que o animam a si e a toda a restante Direcção: «Prometer é fácil. Mais difícil é cumprir. Mas iremos trabalhar para que desperte o interesse por estas reuniões, com palestras e serviços, para que a comunidade em que vivemos sinta o Rotary, pois que é preciso que a nossa imagem seja bastante conhecida e reconhecida como a de um Clube de serviços e não como, por vezes, nos «conhecem». É preciso que se saiba a grande força imparável que somos todos nós. É preciso que se saiba que Rotary Internacional é todo um milhão de pessoas que estão ao serviço da comunidade por todo o Mundo. É preciso que se saiba que é toda uma enorme dinâmica que faz crescer o nosso movimento. É preciso dar a conhecer que o fim de Rotary é tornar conhecidas as pessoas e criar e fortalecer a Amizade».

Mas Estêvão Rosas também tinha os pés bem assentes no chão quando pronunciou estas palavras. Não quis tornar único, nesta ou em similar divisa, o Rotary Internacional. O de Aveiro ou outro qualquer em qualquer parte do Mundo. O novo Presidente do Rotary aveirense salientou, a propósito e com propósito, que «não são, todavia, só os rotários que fazem crescer a Amizade e que a espelham entre as pessoas. Há por aí tantos chefes de família, muitos e muitos trabalhadores, que são tolerantes, que compreendem os outros, que sabem perdoar. Estão no anonimato. São também, como nós, rotários de corpo inteiro».

Toda a gente estava presa a estas palavras do Presidente. Não estavam a prestar «vassalagem» devida a quem chega ao lugar de «chefe». Aquilo estava a ser bebido por quem o escutava (mesmo que a falta de aparelhagem sonora se tenha feito sentir). Estêvão Rosas não poderia, a nosso ver, muito embora andemos longe das reuniões daquele Clube, ter encontrado melhor abertura para iniciar o seu mandato. E foi tão feliz, ao dizer ainda «que a difusão de Amizade vai ser o grande tema das nossas preocupações rotárias» e que «uma bagatela de Amizade distribuída diariamente dará uma força enorme à nossa implantação no mundo», que Monteiro de Freitas, começando quase com lugares comuns, muito habituais nestas festas, acabaria por deitar cá para fora a tal frase que foi o grande ramalhete daquela noite de gala do Rotary Clube de Aveiro.

Durante a reunião houve ainda outros motivos de agrado e de in-

Continua na 6.ª página

O MEU ROSSIO

Continuação da 1.ª página

— para mim e para outros como eu — o... mundo.

Aliás, em frente, para lá das palmeiras e docais (e dos rebanhos que tasquinhavam a erva e nos usurpavam o espaço), era tudo raso e quase ao rés-de-água, a uma cota quase ao nível do zero hidrográfico. E ficava o para além do meu mundo, que me parecia sem fim e que não tinha vislumbres de obstáculos intermédios. Ficava um horizonte com o só limite da minha capacidade de visão ávida e prescrutação cheia de curiosidade — na paisagem, no voar da imaginação e dos anseios. Uma espécia do contrário que sinto a acontecer-me, que é o virar-me para dentro de mim, e para os arcanos inexauríveis que tenho vindo a abastecer ao longo de mais de meio século.

O Rossio, como era no meu tempo, e como subsiste, é um símbolo. De Aveiro e dos aveirenses, sempre avessos aos antolhos e às delimitações.

Por muito que me considere um «rapaz do meu tempo», sinto que ando mesmo para aqui a preencher vazios do tempo sobejo, que passei além da Taprobana das úteis tarefas desde que fui relegado por imposição do registo de nascimento à condição de peso morto. E com recordações incorporadas e assimiladas, com episódios vividos ou revivescidos, com amarelicidos documentos ou apontamentos cobertos de pó sedimentado, com apenas os condimentos, insonsos, indeglutíveis, enfastiantes do dia-a-dia fadigoso e absorvente.

Vivo mais de raízes que de frutos. Acaso de raízes sem fruto (vivo não: vou vivendo, o que é diferente). E vou vivendo com muito apegadas lembranças do Rossio. Porque de lá me infundiram, lentas e contínuas, penetrantes e assimilativas, algumas das seivas mais influentes daquilo que veio a chamar-se, talvez em parte por culpa da minha contumácia, o «aveirismo».

Se lá não aprendi, como é natural, a andar — com esse artificialismo humano, prosaploso de apenas pôr os pés no chão —, não tenho dúvida de que foi naquele solo raso e desabafado que aprendi a correr. E a fintar, por trás das árvores, e das palmeiras, então desabrolhantes e cautamente resguardadas com adequadas armações protectoras, de madeira, os fraternalíssimos parceiros de traquinices, aos quais afectuosissimamente se quebrava a cabeça, à calhoada — ou se fazia qualquer outro malefício similar, jubilosa e amistosamente.

Continua na 6.ª página

Achegas para Historiografia Aveirense

tadas a **pó de carvão vegetal**, sobre o qual se colocavam as **pratas** que, durante o Verão, se juntaram, quer as que envolviam os cigarros, quer as que serviam de invólucro aos chocolates que a miudagem — e os graúdos também — iam comendo, e que se guardavam para aquele efeito.

Quem, após o trabalho diário, tinha de ficar em casa, tirava a **fatiota** que usava durante o dia, vestia a roupa de trazer por casa, embrulhava-se numa manta, colocava os pés no capacho destinado a este fim, e dispunha-se a passar o serão, lendo, tricotando e conversando, pois que, então, não havia o rádio nem a televisão, que alteraram, por completo, a intimidade do viver das famílias.

Para se prestar atenção aos programas que aqueles aparelhos transmitem, não há oportunidade de se conversar, a sério, com os familiares.

Os capachos redondos — os de menor tamanho — tinham muita venda para as pessoas que frequentavam as igrejas, pois que não tendo estas — como agora — os bancos, deles se serviam para se ajoelharem, visto serem de muito fácil transporte e de grande comodidade.

Na altura própria, os homens da Bezelga vinham por aí abaixo, da serra ao litoral, com os seus burros carregados de mercadoria, produto do seu trabalho, despachando, também, pelo caminho de ferro, para várias estações — Aveiro era uma delas — mais mercadoria para servir de reforço àquela que os burros haviam transportado.

Há quantos anos nós não ouvimos os **capacheiros** gritar: — **Capachos! Compra capachos!**...

Esta produção artesanal teria acabado?

E também deixaram de percorrer as nossas ruas os **amoladores**, com as suas rodas, que tanto serviam para transportar as suas oficinas ambulantes, como, ainda, para lhes fornecer a força motriz necessária a parte da sua ferramenta.

Afiavam tesouras, navalhas e facas de cozinha, pondo estes objectos a cortar uma folha de papel onde, ao freguês, os **amoladores** demonstravam a eficiência do seu trabalho; consertavam guarda-chuvas, quer a parte da ferragem (substituíam as varas partidas e as

Conclui na 6.ª página

Litoral

Correspondendo a disposição legal obrigatória, dimanada do Ministério da Comunicação Social, informa a Administração deste semanário que a tiragem média do «Litoral» correspondente ao mês transacto foi de 12.500 exemplares.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta . . .	**AVEIRENSE**
Sábado . . .	**AVENIDA**
	CAPÃO FILIPE (Esgueira)
Domingo . .	**SAÚDE**
	CAPÃO FILIPE (Esgueira)
Segunda . .	**MODERNA**
Terça . . .	**NETO**
Quarta . . .	**MOURA**
Quinta . . .	**CENTRAL**

MATRÍCULAS DO 10.º ANO DE ESCOLARIDADE

De Secretariado Regional das Associações de Pais de Aveiro, recebemos, com o pedido de divulgação, o seguinte

COMUNICADO

«Considerando, este Secretariado, a necessidade de uma conveniente informação do público sobre as matrículas do 10.º ano de escolaridade, dá conhecimento de que estas se devem efectuar de acordo com a orientação profissional desejada. Assim, deverá ser escolhida a área que inclua o componente de formação vocacional mais adequado à profissão pretendida, conforme a seguir se discrimina:

ÁREA A (CIENTÍFICO-NATURAIS): Produção aquática, Quimicotecnia, Saúde, Desporto.

ÁREA B (CIENTÍFICO-TECNOLÓGICAS): Electrotecnia, Mecanotecnia, Construção Civil.

ÁREA C (ECONÓMICO-SOCIAIS): Secretariado, Contabilidade e Administração, Planeamento e Urbanismo.

ÁREA D (ESTUDOS HUMANÍSTICOS): Jornalismo e Turismo, Administração Pública, Música.

ÁREA E (ARTES VISUAIS): Introdução às Artes Plásticas, «Design» e Arquitectura.

●

A matrícula é feita na escola que o aluno frequentou no ano precedente, sendo dadas informações por um grupo de professores designados para o efeito.

Aveiro, 12 de Julho de 1981»

Uma dependência na Mealhada da CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Na sequência das acções que está a empreender com vista a um apoio cada vez maior aos seus clientes, uma das quais se vem concretizando pelo aumento da rede de balcões, prepara-se a Caixa Geral de Depósitos para alargar o número de Dependências de que dispõe no distrito de Aveiro, com a abertura, que foi no dia 13 de Julho, da Agência na Mealhada.

A Caixa Geral de Depósitos ficará, assim, mais apta a oferecer aos seus clientes e a todo o público o apoio de uma vasta rede que, com a presente, completa 196 Dependências, implantadas por todo o espaço geográfico nacional.

Esta iniciativa virá possibilitar o acesso mais rápido e directo das populações do concelho da Mealhada à diversa gama de operações que a Instituição pratica, designadamente a recolha de depósitos à ordem e a prazo, o pagamento de transferências de emigrantes, a concessão de crédito às autarquias locais e o apoio creditício à agricultura e à indústria e ainda à aquisição ou construção de habitação própria.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 17 — às 21.30 horas; sábado, 18; e domingo, 19 — às 15.30 e 21.30 horas — CORAGEM FUJAMOS — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Sábado, 18 — às 24 horas (Meia-Noite Especial) — OS SONHOS PROIBIDOS DE DONA O — Interdito a menores de 18 anos.

Terça-feira, 21 — às 21.30 horas — O INSPECTOR MARTELADA — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Quarta-feira, 22; e quinta-feira, 23 — às 21.30 horas — O PROFISSIONAL — Não aconselhável a menores de 13 anos.

— Cine-Avenida

Sexta-feira, 17 — às 21.30 horas — A DESFORRA DO KUNG-FU — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Sábado, 18; e domingo, 19 — às 15.30 e 21.30 horas; e segunda-feira, 20 — às 21.30 horas — COMANDOS - OPERAÇÃO LEOPARDO — Interdito a menores de 13 anos.

Terça-feira, 21 — às 21.30 horas — SEM REI... NEM ROQUE — Não aconselhável a menores de 13 anos.

— Estúdio 2002

Sexta-feira, 17 — às 17 e 21.45 horas — O REGRESSO DO INSPECTOR MARTELADA — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Sábado, 18; e domingo, 19 — às 15.30 e 21.45 horas; e segunda-feira, 20 — às 17 e 21.45 horas — O EXÉRCITO SECRETO — Interdito a menores de 13 anos.

Sábado, 18; e domingo, 19 — às 18 horas (Segunda Matinée) — OUTONO ESCALDANTE — Interdito a menores de 13 anos.

Terça-feira, 21; e quarta-feira, 22 — às 17 e 21.45 horas — TRINITÁ COW-BOY INSOLENTE — Não aconselhável a menores de 13 anos.

Quinta-feira, 23 — às 17 e 21.45 horas — SIMPLESMENTE... GAROTAS — Grupo D, 18 anos.

JORNAL DE AVEIRO

Com uma excelente e profusa edição, o «Jornal de Aveiro» comemorou, na semana transacta, a sua entrada no quinto ano de profícua vivência.

Semanário que dispõe de vasta e diversificada colaboração, com escritos firmados por autorizadas personalidades, impôs-se, logo de início, à consideração do público, particularmente dos aborígenes e íncolas aveirenses, que nele vêem um indómito defensor dos justos interesses e anseios da nossa real e tão promisora região.

Na pessoa do Dr. Sebastião Marques, seu ilustre Director, o **Litoral** saúda quantos, com seus méritos e devotação, têm contribuído para alcandorar o «Jornal de Aveiro» a merecido pódio da Imprensa regional portuguesa.

Reunião no CONSERVATÓRIO REGIONAL

Na próxima terça-feira, dia 21, com início às 21 horas, os sócios do Conservatório Regional de Aveiro «Calouste Gulbenkian» reúnem, no respectivo anfiteatro, para apreciação do relatório e contas relativos ao ano lectivo de 1979/80 e para informar a Assembleia Geral da evolução do processo de oficialização do Conservatório.

PELA UNIVERSIDADE

● Justo galardão atribuído ao PROF. MARQUES DE SÁ

O 1.º lugar no Prémio Hauseholder acaba de ser atribuído ao Prof. Doutor E. Marques de Sá, do Departamento de Matemática da Universidade de Aveiro.

O Prémio Hauseholder é um concurso de teses de Doutoramento de Matemática que se realiza quadrienalmente e cuja iniciativa pertence aos organizadores do Congresso «Gatlinburg».

A fim de receber o referido Prémio e de participar no «Gatlinburg 81», que este ano se iniciou na Universidade de Oxford, em 9 do corrente mês de Julho, e para o qual foi convidado, o prof. Marques de Sá partiu para Oxford.

● Seminário sobre FORMAÇÃO DE PROFESSORES

No âmbito do Programa de Cooperação entre a Embaixada Francesa e o Departamento de Ciência da Educação da Universidade de Aveiro, veio até nós Madame Madeleine Goutard, Inspectora da Educação Nacional Francesa, que permaneceu uma semana nesta cidade, sendo animadora de um Seminário sobre FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO PRÉ-ESCOLAR e PRIMÁRIO. Madame Goutard realizou, ainda, diversas visitas a escolas locais de Educação Infantil, nomeadamente ao CERCIAV.

FALECERAM:

● **Com a provecta idade de 92 anos, faleceu, no dia 2 do mês de Junho transacto, a sr.ª D. Maria da Glória Ventura Sarabando, que morava no n.º 5 da Rua da Pega.**

A veneranda ertinta, que foi a sepultar, no dia imediato, após missa na capela de São Gonçalinho, para o Cemitério Sul, era viúva do saudoso Manuel de Matos Sarabando, tia do sr. Jeremias Ventura Sarabando e parente, ainda, dos srs. Carlos Luís e Manuel Luís Pereira.

● **Acometido de enfarte do miocárdio, faleceu, em 11 do mesmo mês, o sr. Lourenço Carlos Ferreira, tendo-se realizado o funeral no dia 13, após missa na capela da Senhora da Alegria, para o Cemitério Sul.**

O saudoso extinto, que deixou viúva a sr.ª D. Guilhermina Silva Fernandes Paula, geria ultimamente, com muita competência e notável afabilidade para com os frequentadores, um bar num dos pavilhões da Feira de Março.

● **No dia 12, contando 79 anos de idade, faleceu, no estado de solteira, a sr.ª D. Ernestina Robalo, que residia ao n.º 28 da Rua do Visconde da Granja.**

A respeitada senhora era irmã da sr.ª D. Mécia Alice Robalo de Almeida e tia dos srs. António José, Luís José e Adriano José Robalo de Almeida.

Após missa na igreja da Misericórdia, foi a sepultar, no dia imediato, no Cemitério Sul.

● **Com 72 anos, faleceu, no dia 13, a sr.ª D. Maria do Céu da Silva Gomes, que morava ao n.º 24 do Cais dos Botirões. A saudosa extinta foi a sepultar no Cemitério Sul; e era viúva do sempre lembrado António Graça.**

● **No dia 15, faleceu o sr. João da Costa, vitimado por carcinoma. Residia ao n.º 83 da Rua do Dr. António Christo.**

O venerando extinto, que contava a provecta idade de 84 anos, era viúvo da saudosa D. Maria da Luz Gonçalves de Sousa.

Foi a sepultar no Cemitério Central.

● **Na tarde do dia 21 de Junho, foi a sepultar, no cemitério da freguesia do Monte, concelho da Murtosa, a sr.ª D. Belmira Pato Fidalgo. Contava a provecta idade de 86 anos.**

A bondosa senhora, viúva do reputado e saudoso mestre-de-obras João Carlos Fidalgo, era mãe do actual Pároco da Freguesia da Torreira, o nosso bom e distinto Amigo Padre Manuel Caetano Fidalgo, relevante figura na Diocese de Aveiro e que proficientemente dirigiu, durante largos anos, o nosso prezado colega «Correio do Vouga»; e, ainda, das sr.ªs D. Carmelina e D. Maria Luísa Pato Fidalgo, esta esposa do sr. Raul da Silva Teixeira, e do sr. João Carlos Fidalgo, marido da sr.ª D. Maria Felicidade Tavares.

● **No dia 22, vitimada por enfarte do miocárdio, faleceu, no estado de solteira, a sr.ª D. Maria do Nascimento Duarte Fernandes, que residia ao n.º 6 da Rua de Guilherme Gomes Fernandes. Após missa na igreja de Santo António, foi a sepultar, no dia seguinte, no Cemitério Sul.**

A veneranda extinta, que contava 88 anos de idade, era tia do sr. António Fernando Marcela e Santos, marido da sr.ª D. Maria José Fernandes e Santos — conceituados proprietários da «Pensão Aveirense» — e dos srs. Manuel António e Evaristo Fernandes Marcela e Santos.

● **No dia 25, após missa de corpo-presente na capela da Senhora da Ajuda, em Santiago, foi a sepultar, no Cemitério Sul, o sr. José de Pinho das Neves, que falecera na véspera.**

O venerando ancião — completara 90 anos de idade — era viúvo da saudosa D. Conceição Mendes da Costa.

● **No mesmo dia 24 do mês de Junho transacto, faleceu o Primeiro Sargento (aposentado) do Exército sr. Alberto Vaz Pinto que, após missa na Igreja da Misericórdia, foi a sepultar no Cemitério Central.**

Contava a respeitável idade de 93 anos — e respeitado era por quantos lhe conheciam as raras virtudes e qualidades. Residia ao n.º 47 da Rua do Gravito.

Viúvo da saudosa D. Maria da Glória Pinto, era pai das sr.ªs D. Maria Isolete Eulália Pinto de Almeida, D. Maria Alice Pinto Mendes Belo, D. Cremilde Pereira Vaz Pinto Sérgio e dos srs. José Pinto, Armando Dinis Pinto e Alcino da Conceição Pinto.

● **Com 70 anos de idade, faleceu, no dia 25, na sua residência, ao n.º 45 da Rua de Manuel Luís Nogueira, o sr. António dos Santos Baptista Coelho, que foi a sepultar no dia 27, após missa de corpo-presente na capela de São Gonçalinho, no Cemitério Sul. Deixou viúva a sr.ª D. Angelina Moura e era pai dos srs. Carlos Alberto de Moura Baptista Coelho (o reputado artista plástico «Carbaty» e nosso colaborador), António Carlos Baptista (este a trabalhar, em França, no Banco Pinto & Sotto Mayor) e da sr.ª D. Carmelinda de Moura Baptista.**

Devotado bombeiro — serviu proficientemente, durante cerca de 20 anos, nos «Bombeiros Novos», de Aveiro — teve a corporação a acompanhá-lo, em preito de gratidão e saudade, à sua última morada.

Temos já conhecimento de que, no corrente mês de Julho, faleceram, em Aveiro, os srs. Dr. Jaime Aldos Pereira Lemos, Dr. Manuel Marques Damas e as sr.ªs D. Rosa Vieira Lopes Martins e D. Rosalina de Matos — cuja memória, em próxima edição, traremos a estas colunas mais desenvolvidamente.

As famílias em luto, os pêsames do **Litoral**.

Agradecimento

Maria del Consoelo da Graça Pereira de Aguiar, marido, filhas e genros agradecem, por este ÚNICO MEIO, a todas as pessoas amigas e das suas relações o interesse manifestado pela sua saúde, durante o seu internamento hospitalar e posteriormente em sua casa.

Este agradecimento é extensivo aos Ex.mos Clínicos e Pessoal do Hospital de Aveiro a quem esteve entregue, bem como ao Rev.º P.e Sebastião Rendeiro.

A todos o nosso muito obrigado e um bem-haja.

Aveiro, 17 de Julho de 1981

O MEU ROSSIO

Conclusão da 3.ª página

Se calhar, o Rossio dava-me mote para mais extensa prosa do que a que comporta a Enciclopédia Britânica. O que é do meu tempo, e o que fica para trás, dava-me pano para folgadas e compridas mangas, e talvez sem nunca acabar.

Pode crer, meu generoso amigo, que tenho medo que me mexam no Rossio e mo estraguem. Porque, para mim, o Rossio requer um tratamento especial: de cirurgia estética, que lhe não altere a fisionomia e o carácter. Que lhe acabe com os defeitos, mas conserve os predicados e a individualização. Que mo transformem num pretensioso, destipificado e universalizado, e inútil logradoiro seculovintesco, com valores estéticos discutibilíssimos, especialmente para quem, como eu, guarda uma imagem, ao mesmo tempo singela, modesta, rasa, e com infindos horizontes e crepúsculos deslumbradores, e recordações inolvidáveis.

Aquelas palmeiras — em que me vi enquadrado, por sua generosidade — são mesmo Rossio. Têm apenas menos de três quartos de século, nesse chão que encontro referido há mais de meio milénio, mas tornaram-se o caixilho indiscutível e certo, ex-libresco, identificador daquela zona tão significativa do urbano panorama aveirense.

Não desejo o Rossio vazio e inaproveitado. Vazio e inútil, como uma órbita sem globo ocular. Quanto mais não seja porque me sinto inalienavelmente cheio de Rossio. Porque ainda transbordo Rossio, desde a medula dos ossos. Porque nos canais que o ladeiam fiz o meu baptismo, indissolúvel como um sacramento de aveirense — dos pés às pontas dos cabelos.

Recordo-me, e verifico reiteradamente, que as palmeiras, plantadas por inspirada sugestão de José Prat, num chão que vinha estiolando as mais diversas espécies arbóreas, medraram até se tornarem emblemáticas, simbolizadoras, a balouçar a copa cimeira, aos ventos desentaipados e agrestes do Rossio. E com seivas elaboradas à custa das águas salobras provindas da Ria, que ali empapam o subsolo aluvionar e permeável.

Firmaram-se erectas, como os homens ao castiço bairro da Beira-Mar erguem, na verticalidade mais estreme, as varas dos pálios nas procissões — imagem que eu costumo por deformação aveirista preferir à do fio-de-prumo. E, depois, entraram, irrevocavelmente, no património fisionómico aveirense, por processos de evidente similitude com o da integração dos beneméritos da existência de Aveiro, que entravam na galeria dos aveirenses ilustres — não obstante serem aveirenses de adopção e devoção. O que não impede que ganhassem jus ao nosso perpétuo reconhecimento. E, mais aveirenses do que nós aqui nados e criados, e na generalidade inoperantemente inúteis. E baptizados, com todo o ritual, não só nas velhas pias baptismais, mas, com correspondente unção, nas águas, salsas e vinculadoras, da Ria-mater.

Conheci o Rossio com uma praça de toiros para uma velha «aficion» entusiástica e assídua, que se perdeu; e com um amplo pavilhão plurifuncional, que atendia mais a razões de prática utilidade do que a exigências estéticas; e, claro, com os perfilados abarracamentos da «Feira de Março» plurissecular. E conheci-o mesmo com um fresco, quando não agreste, cinema ao ar livre, com propósitos de ajuda à velha, benemérita e pobre Santa Casa da Misericórdia.

Mas preferi-o sempre, amplo e desabafado, vergastado frequentes vezes pelos ventos desabridos e salutíferos, e espevitadores do nosso comodismo parrana e improfícuo. E que encarávamos de frente, familiar e salutarmente — germinativamente.

Mexer no Rossio, no meu Rossio, do meu ponto de vista é tarefa bastante melindrosa. Requer dotes de imaginação, ao mesmo tempo sóbria e desgarrada, que mo não transformem e desfigurem num largo novo, moderno, mas atipicamente cosmopolita. Num largo que pode ser de todas as terras, indistintamente, e será susceptível de transplantação para qualquer uma sem acusar qualquer desarmonia ou inadaptabilidade. Só que não fosse o Rossio, nem reincarnado ao gosto de outra época mais avançada, nem por metempsicose renovadora.

É verdade que o não pretendo nu, mas sim desatravancado. Desempecilhado. E, simultaneamente, desejo que a Edilidade não desbarate os fundos do seu erário, cada vez maior, mas sempre insuficiente — o dinheirinho de nós todos — contraproducentemente, despersonalizando Aveiro, que tem uma alma e uma radicação. Decepando-lhe um dos extremos, quiçá, o mais característico e caracterizador.

Desejo, como munícipe — e, aliás, como é peculiar a uma Câmara que tem vindo a zelar criteriosamente o nosso património e os dinheiros concelhios — que se não deite fora, eventualmente sem os proporcionais resultados correspondentes e pretendidos, o dinheiro para que há sobejos empregos prioritários.

EDUARDO CERQUEIRA

P.S. — Tinha já acabado de redigir este fastidioso arrazoado, à mesa de um dos cafés que frequento — porque tomo café para me afugentar o sono, ao qual já ouvi considerar a antecâmara da morte e, por isso, vou evitando quanto possível — quando me vi, meu benévolo amigo, outra vez alvo dos seus holofotes insistentes. Quando me senti, sem para aí ter metido prego nem estopa, na berlinda.

E eu, que suporto mal a intensidade e a cintilação dos focos luminosos, verifico que não posso desde já recolher-me à sombra, discreta, tanto da minha predilecção. E que terei de reiterar-lhe, com algum molho digressivo, o meu reconhecimento. E de estrebuchar, mais uma vez, com o meu precário fôlego congénito, para lho exprimir. Porque, já agora acrescento, hoje cumpri o inveterado hábito diário: fiz a barba. E fiz sangue, ao fazê-la. Vermelhinho. Plebeuzíssimo. — E.C.

Distrito de Aveiro

Continuação da 1.ª Página

ral, e é com honra que dou um certo exemplo, porque faço-o na defesa de todos nós, desenvolvendo uma campanha já longa.

O espantoso é que não se consiga, com a frieza da razão, fazer a prova de que não concordamos em ser divididos por Coimbra e pelo Porto, não só para não obedecer servilmente a «estrangeiros», vindo a aceitar as soluções que nos quisessem impor, mas, também, porque somos um reduto, que, demolido, iria aumentar as macrocefalias — morte para a nossa e muitas outras cidades!

É ou não um facto que o Distrito de Aveiro assegura e garante o equilíbrio social numa faixa de cerca de quinhentos quilómetros quadrados?

É ou não um facto que continuamos a ter iniciativas de primeira ordem, como o provam abastadas colectas fiscais?

É ou não um facto que o Distrito de Aveiro faz falta à vida do País?

Aveirenses:

Temos de continuar o nosso esforço, preocupando-nos todos muito com o demagógico regime administrativo que nos querem destinar, garantindo às instituições políticas que o Distrito de Aveiro é intocável!

MANUEL BÓIA

ROSA VIEIRA LOPES MARTINS

AGRADECIMENTO

Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem testemunhar a sua maior gratidão a todos quantos com a sua amizade se interessaram durante a sua enfermidade e manifestaram pesar pela sua morte.

Querem ainda expressar de modo muito especial o seu público agradecimento a todos os profissionais de Saúde do 3.º andar - Ortopedia - do Hospital Distrital de Aveiro, particularmente ao pessoal de enfermagem, pela eficiência, solicitude e calor humano que ao longo de quatro meses nunca regatearam.

Regionalismo Canhestro

Continuação da 3.ª página

da regionalização progressista que agora se pretende. Este é um regionalismo canhestro.

2. — Mealhada e S. João da Madeira — A primeira destas vilas do nosso distrito é sede de um concelho cuja população é heterogénea: núcleos dedicados à agricultura que são os mais típicos e valiosos; núcleos laborais de algumas indústdiais ali localizados; núcleos terciários que vivem igualmente com amor os problemas locais; e um núcleo operário numeroso, sito na Pampilhosa, vivendo sobre as rodas do caminho de ferro, portanto um tanto desenraizado.

Como de costume, é este último o mais barulhento e pelas duas propriedades (desenraizamento e barulhento) foi que saiu desde último núcleo o apelo político para que o Concelho da Mealhada fosse desanexado do distrito de Aveiro e integrado no de Coimbra.

Não compreendemos.

Primeiro porque, se os distritos nada valem e tendem a desaparecer como autarquias, não teremos que mexer em quem parece que já não existe.

Segundo porque, sendo a Mealhada um concelho caracteristicamente bairradino, pertence ao distrito de Aveiro e não ao de Coimbra. Por assim ser é que qualquer de nós já se deliciou um dia com o leitão da Mealhada e nunca ninguém lá foi para provar as arrufadas da Mealhada.

Portanto esta pretensão de mudança distrital é uma manifestação de regionalismo canhestro e o mesmo raciocínio se poderá aplicar à atitude de um grupo político da A.P.U. de S. João da Madeira que também pretende passar de Aveiro para o Porto.

Os dois grupos da Mealhada e de S. João da Madeira, ambos do mesmo cariz político, pertencentes a forças altamente disciplinadas nas atitudes políticas, não constituirão coincidências demasiadas?

Será verdade que a força política que as comanda deseja o desmembramento e a partilha do distrito de Aveiro? Que respondam os responsáveis, mas sem palavras dúbias, frontalmente, de modo a podermos saber em que águas navegamos e com que pessoas podemos contar.

Os bombeiros do distrito uniram-se todos e constituiram a federação respectiva e têm o símbolo do seu ideário, a sua bandeira. Cheira a fogo no distrito de Aveiro. Unamo-nos todos para podermos defender a nossa integridade territorial.

ORLANDO DE OLIVEIRA

Lacticínios de Aveiro, L.da

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

REFORÇO DO CAPITAL

Presado consócio:

Com a presente vimos convocar V. Ex.ª a assistir à Assembleia Geral Extraordinária que se realizará na sede da nossa sociedade, no próximo dia 25 de Setembro, pelas 15 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1) — Incorporação de reservas de reavaliação do activo e eventualmente outros bens e alteração do artigo do pacto relativo ao Capital.

Agradecendo a comparência de V. Ex.ª, subscrevemo-nos com estima.

De V. Ex.ª
Atentamente

Por Lacticínios de Aveiro, L.da
O Gerente,

a) — JOÃO MARQUES DA CRUZ

Na transmissão de poderes do Rotary

Continuação da 3.ª página

teresse. Para o jornalista, pelo menos. É que o saudoso coronel Américo Roboredo seria lembrado naquela noite, quando à Maria Bealardoava os 18 valores com que lardoava os 18 valores com que terminou o seu curso de Electrónica na jovem Universidade de Aveiro. Acrescente-se que Maria Beatriz já é hoje assistente brilhante da U. A., como informaria o Reitor Mesquita Rodrigues, que teceu votos para que a antiga aluna fosse agora e sempre digna, esforçada e compreensiva, lembrando Américo Roboredo à laia de Sá de Miranda: «um homem de um só rosto e de uma só fé».

Mas acrescentemos também que aquele prémio constitui para Maria Beatriz, como nos disse, «o reconhecimento da Universidade de Aveiro como uma instituição de grande força e valor no meio aveirense e até nacional e que ele (o primeiro prémio da sua vida escolar) era também para todos os alunos da Universidade de Aveiro». Um encanto, como não podia deixar de se considerar tanta modéstia, tanta dignidade. Afinal aquilo que o Doutor Mesquita Rodrigues nos tinha dito, momentos antes, da Maria Beatriz.

E houve a investidura de mais um rotário aveirense: o Eng.º Paulo Seabra, ligado, por afinidade, ao saudoso e inesquecível Egas Salgueiro, um dos fundadores do Rotary de Aveiro.

JOSÉ NAIA

AVEIRO Bombo-de-Festa

Conclusão da 3.ª página

nais, e coerentemente com a defesa que faz da lei das autarquias — manda oferecer esse dinheiro às Câmaras (mesmo que sejam do CDS, pois!).

Os Deputados AD, por terem proposto e aprovado tais aumentos, estão-se cotizando para implantar um hospital psiquiátrico... e de repouso... nas Gafanhas, pois!

Os Deputados do PS estão em negociações para aquisição do Convento de Arouca, local propício a instalação do «rei» (vulgo Secretário-Geral) e todo o séquito, pois!

Em tempo: o Deputado do PPM, «dito» defensor da ecologia, está em oposição com a AD, pois pretende com esse dinheiro mandar pintar de verde as chaminés de Cacia, Quimigal, Isoffer, Cires... pois!

Dado que alguns deputados só podem vir a Aveiro *na próxima campanha eleitoral*, o LITORAL receberá os seus «donativos» enviados por cheque!

J. F.

Achegas para a HISTORIOGRAFIA AVEIRENSE

Continuação da 3.ª página

molas relaxadas, aplicavam emendas e ponteiras e punham arames novos para substituir aqueles que o tempo e a chuva enferrujaram e se quebraram), quer o pano (aplicando rodas no fecho que, as varas soltas haviam furado, e remendos nalguns buracos), enfim, entregavam ao freguês um objecto em condições de o defender da chuva e do sol e apto a enfrentar o vento. Consertavam louça partida, ou somente rachada (não apenas a de ornamentação como a de uso diário), pondo **gatos** e aplicando uma massa, de seu fabrico, que resistia à água.

Vivíamos, então, em **sociedade de poupança** e havia que economizar todos os **tostões.** Além disso, não existiam as bisnagas de **cola-tudo,** de que hoje podemos fazer uso.

Os **gatos** eram umas pecinhas de ferro ou aço (uma espécie de agrafes) que os amoladores colocavam em cada um dos pedaços quebrados para os unir depois de furados com uma maquineta de concepção simples, que eles faziam girar por intermédio de um fio, que transformava o movimento vertical em movimento giratório e cuja velocidade eles regulavam conforme a qualidade do material em que o **gato** teria de ser aplicado.

Os **amoladores** eram, na sua maioria, naturais da Galiza e, normalmente, dotados de muita habilidade; com a sua oficina ambulante resolviam os problemas que lhes eram postos pelas donas de casa. Eram figuras tão típicas, em Aveiro, que mereceram ser focados, pelos autores de **MOLHO DE ESCABECHE,** num quadro em que entram o **amador de cacos,** uma **dama** e o **amolador.** Tendo a **dama** deixado cair uma peça de louça que o **amador de cacos** reputava de muito valor — peça que havia descoberto em casa do antiquário aveirense Eduardo Sapateiro —, o **amolador** intervém cantando:

Por quem é
Não se aborreça
Com o banzé
Que acaba de causar...
Se quebrou
A linda peça
Eu posso-lha consertar...

Um pouquinho
De loção
E um ferrinho
Que o martelo vem bater,
Jamais o vaso se escacha,
Nem racha
Parece ter.

E o coro acompanha:

Amola, amola, amola,
Enquanto a roda ligeira
Nunca pára de rodar
Amola, amola, amola,
Que esta vida passageira
Não se cansa de amolar.

O amolador volta a intervir:

Se calhar
Está precisado
De amolar
A tesoura que aí tem,
Mas se quer
Gume afiado
Ponho-a já a cortar bem.

Meia hora
E pouco mais,
A tesoura
Fica pronta a trabalhar...
Pode então com boa sorte
Dar corte
Em quem passar.

E o coro torna a acompanhar:

Afia, afia, afia,
Que este ofício quer também
Singular agilidade.
Afia, afia, afia,
P'rá tesoura cortar bem
Nas casacas da cidade.

Volta o amolador:

Por favor
Tenha cautela
Que o calor
Também pode constipar...
Se estragou a sua umbela
Dê-ma já para arranjar.

Não é pêta,
Pode crer.
Se a vareta
Se entortou, com qualquer jeito
Compre a mim nova remessa,
Porque essa
Não tem proveito

J. EVANGELISTA DE CAMPOS

Continuações da última página

Inaugurada a Pista da Oliveirinha

Tivemos conhecimento, a posteriori (através de comunicado que, com data de 29 de Junho findo, nos foi remetido pela Comissão Distrital de Juízes de Atletismo), da inauguração de uma pista de atletismo, integrada no complexo desportivo da Associação Recreativa e Cultural da Oliveirinha (A.R.C.O.). Esse facto nos impediu de, logo na altura, darmos o merecido relevo à respectiva cerimónia — que teve a presença de diversas entidades oficiais de Lisboa e do Distrito.

No entanto — e pela importância e pelo largo alcance que a existência, mesmo às portas da cidade, de uma pista de atletismo representa — não podemos deixar de fazer, ainda que numa notícia sucinta, referência ao festival de atletismo que teve lugar, no dia 28 de Junho, porque essa reunião, muito naturalmente, foi o ponto alto da cerimónia inaugural da Pista da Oliveirinha.

Competiram cerca de duzentos e cinquenta atletas, dos seguintes vinte e três clubes: A. C. M. (Coimbra), A. D. Guarda, Acadof, Associação Académica, Avintes, Beira-Mar, Belenenses, Benfica, C. A. P., Clube de Campismo, Foz, Furadouro, Gaitos, Grecas, Guilhoval, Ilhavos, Ovarense, Porto, Sanjoanense, Santa Clara, U. D. Pinhel, U. D. Sela e Vilaverde.

Saíram vencedores nas várias provas do programa:

MASCULINOS — 100 metros — Valdemar Pereira (Belenenses). 400 metros — Élio Simões (Beira-Mar). 800 metros — Carlos Pereira (Belenenses). 4x100 metros — Belenenses. 5.000 metros — José Paiva (Porto). Disco — João Manta (Académica). Altura — Jorge Domingues (A. C. M.). Triplo-Salto — Vítor Gonçalves (C. Campismo).

FEMININOS — 100 metros — Ângela Pinheiro (Beira-Mar). 400 metros — Mimosa Eduardo (Sanjoanense). 800 metros — Conceição Moura (A. C. M.). 4x100 metros — Misto de Coimbra. 3.000 metros — Fátima Neves (A. D. Guarda). Disco — Rosa Rodrigues (Furadouro). Altura — Cristina Eduardo (Sanjoanense). Comprimento — Emília Tavares (A. D. Guarda).

Sporting de Aveiro

Participaram mais vinte e três concorrentes.

Do **Comunicado n.º 16/81**, datado de 6/7/81, que o Sporting Clube de Aveiro distribuiu aos órgãos de Informação e que nos serviu para elaborar este apontamento, transcrevemos — já que o alerta que o texto em verdade representa plenamente e justifica e, até, o exige! — as seguintes considerações:

/.../ **De notar, porque na ocasião se verificava maré vazante, que os concorrentes se apresentaram à chegada cobertos de óleo e sujidade, facto revelador do grau de poluição que já se faz sentir naquela zona da Ria de Aveiro./.../**

Em fecho, deverá referir-se ainda que, no termo da prova de natação, os esgrimistas do Sporting de Aveiro — que, sobretudo no sector feminino, alcançaram relevantes classificações durante a época em curso — efectuaram diversos combates de demonstração e propaganda da modalidade.

ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE AVEIRO

(19-19), 27 pontos. 5.º — Fidec, 3 v. 2 e. 7 d. (19-24), 20 pontos. 6.º — Estarreja, 3 v. 9 d. (8-32), 18 pontos. 7.º — Eixense, 2 e. 10 d. (8-32), 14 pontos.

SÉRIE D

1.º Recreio de Águeda, 9 v. 2 e. 1 d. (26-8), 32 pontos. 2.º — Anadia, 9 v. 1 e. 2 d. (35-10), 31 pontos. 3.º — Oliveira do Bairro, 7 v. 1 e. 4 d. (31-11) 27 pontos. 4.º — Fermentelos, 6 v. 1 e. 5 d. (18-21), 25 pontos. 5.º — Oliveirinha, 5 v. 1 e. 6 d. (15-20), 23 pontos. 6.º — Luso, 2 v. 10 d. (15-33), 16 pontos. 7.º — Mealhada, 1 v. 11 d. (5-42), 14 pontos.

No jogo de final, disputada em Aveiro, o Lusitânia de Lourosa derrotou, por 2-1, o Recreio de Águeda, conquistando o título de campeão.

INICIADOS

ZONA A

1.º — Espinho, 6 v. 3 e. 1 d. (27-10), 25 pontos. 2.º — Feirense, 7 v. 1 e. 1 d. (27-8), 25 pontos. 3.º — Sanjoanense, 4 v. 3 e. 3 d. (13-12), 21 pontos. 4.º — União de Lamas, 4 v. 2 e. 4 d. (14-14), 20 pontos. 5.º — Bustelo, 1 v. 4 e. 5 d. (8-15), 16 pontos. 6.º — Cortegaça, 1 v. 1 e. 8 d. (8-38), 13 pontos.

ZONA B

1.º — Recreio de Águeda, 8 v. 2 d. (29-7), 26 pontos. 2.º — Beira-Mar, 6 v. 1 e. 3 d. (20-8), 23 pontos. 3.º — Alba, 5 v. 1 e. 4 d. (12-9), 21 pontos. 4.º — Anadia, 4 v. 1 e. 5 d. (9-13), 19 pontos. 5.º — Avanca, 4 v. 1 e. 5 d. (10-18), 19 pontos. 5.º — Azurva, 2 e. 8 d. (1-26), 12 pontos.

O título distrital ficou na posse do Sporting de Espinho, que, em Aveiro, na final do campeonato, derrotou por 2-1, o Recreio de Águeda.

DESPORTOS

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

Em Várias Modalidades

● Os sorteios alusivos aos vários Campeonatos Distritais da Associação de Desportos de Aveiro (Departamento de Basquetebol), inicialmente marcados para hoje, foram adiados para o dia 31 de Julho, pelas 21 horas — por se desconhecerem ainda as datas previstas para o início dos Campeonatos Nacionais.

Para a época de 1981-1982, filiaram-se quinze clubes (Académica de Águeda, A. R. C. A. Avanca, Beira-Mar, Brandoense, C. B. I., Cucujães, Esgueira, Galitos, Ginásio de Águeda, Illiabum, Ovarense, Sangalhos, Sanjoanense e Vagos), com um total de cinquenta e cinco equipas — 42 masculinas (oito seniores, oito juniores, doze juvenis e catorze iniciados) e 13 femininas (duas seniores, duas juniores, seis juvenis e três iniciadas).

● O Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol divulgou recentemente, os resultados dos exames de promoção à 3.ª categoria nacional, realizados, em Lisboa e no Porto, em 20 e 21 de Junho.

Dos árbitros aveirenses foram aprovados: **Sérgio Daniel Pascoal Borges (76 pontos), Américo Alves da Costa (73 pontos), Carlos Alberto da Conceição (72 pontos) e Raúl Pereira Baptista (71 pontos).**

Entretanto, conforme tem sido revelado na imprensa, no quadro referente à 1.ª categoria nacional, o aveirense Raúl Ribeiro ficou classificado no 13. lugar (entre trinta e seis árbitros), numa tabela — como sempre... — bastante controversa e com critérios imensamente discutíveis...

● No próximo domingo, dia 19 de Julho, a **Lacticoop — União de Cooperativas de Produtores de Leite de Entre Douro e Mondego** vai organizar, no encerramento da AGROVOUGA-81, uma prova de ciclo-turismo, com o seguinte itinerário:

Aveiro (chegada na AGROVOUGA). GA) — Verdemilho — Bonsucesso — Quinta do Picado — Quintãs — Ílhavo — Gafanha do Carmo — Vagueira — Costa Nova — Barra — Aveiro, chegada na AGROVOUGA).

As inscrições são gratuitas e a prova, que tem como Director Rafael Fernandes, inicia-se pelas 9 horas.

● Na Casa do Povo da Oliveirinha, em 27 de Junho findo, realizou-se, numa organização da Delegação de Aveiro da Junta Central das Casas do Povo, o **I Torneio de Ténis de Mesa Inter-Distritos** — em que se apuraram as seguintes classificações:

Individual — 1.° — Diamantino Bartolomeu (Leiria). 2.° — Carlos Costa (Viseu). 3.° — Espírito Santo (Leiria). 4.° — Albano Barros (Aveiro). 5.° — Jorge Aguiar (Viseu). 6.° — António Pereira (Viseu). 7.° — Hamilton Costa (Aveiro). 8.° — António Aidos (Viseu).

Pares — 1.° — Leiria (Espírito Santo e Diamantino Bartolomeu). 2.° — Aveiro (Albano Barros e Fernando Silva). 3.° — Aveiro (Hamilton Costa e Moreira da Silva).

Equipas — 1.° — Leiria. 2.° — Viseu. 3.° — Aveiro.

● Com vista à próxima temporada futebolística, a turma da Oliveirense — que irá ser orientada pelo treinador argentino (há vários anos radicado em Portugal) Eduardo Gonzalez — conta com elevado número de «reforços».

De facto, são nada menos de onze as «caras novas» da equipa de Oliveira de Azeméis: Monteiro (ex-Sanjoanense), Sá (ex-Nogueirense), Zequinha (ex-Mirandela), Luís (ex-Arrifanense), Costa Almeida e Craveiro (ambos ex-Recreio de Águeda), Xico (ex-Viseu e Benfica), Manuel (ex-Cucujães), Gilberto (ex-Vila Real), Ramalheira (ex-Bustelo) e Lopes (ex-Alba).

Beiramarenses em Evidência

O jovem e promissor velocista Arnaldo Abrantes, do Beira-Mar, integrou o quarteto português que correu a estafeta de 4x100 metros, em Varsóvia, numa das meias-finais da «Taça da Europa», em atletismo, disputada na capital da Polónia nos passados dias 4 e 5. O atleta beiramarense — mais que promessa, é autêntica certeza; e, melhor que quaisquer outras palavras, assinalando a sua estreia como internacional, na turma sénior de Portugal, adiante se transcrevem, com a devida vénia, os comentários (insuspeitos e autorizados) do Prof. Moniz Pereira em «A Bola», de 6 de Julho corrente, sobre a prova que Arnaldo Abrantes disputou:

/.../ **Boa corrida e regulares transmissões de todo o quarteto, com relevo para o aveirense Arnaldo Abrantes e inesperada vitória dos portugueses sobre a Ástria. A equipa do Benfica, em Belgrado, tinha feito 41,35. Agora, aqui, a selecção, com Arnaldo Abrantes no lugar de José Silva fez 41,26. Portanto, bom comportamento e bom tempo do quarteto português.** /.../

No passado fim-de-semana, em Lisboa, realizaram-se os Campeonatos Nacionais de Juniores — no Estádio Nacional (provas masculinas) e no Estádio da Luz (provas masculinas) — em que o Beira-Mar esteve presente. Na impossibilidade de, já nesta edição, fazermos referência completa a todos os resultados dos jovens auri-negros, não queremos deixar de pôr em devido relevo o facto de Regina Gonçalves ter conquistado dois títulos nacionais (1.500 e 3.000 metros), batendo o «record» de Portugal na primeira daquelas corridas. Sobre o comportamento da esperançosa atleta beiramarense, arquivamos, também com a vénia do estilo, os comentário do crítico Luís Lopes, publicados em «A Bola» de segunda-feira, dia 13 de Julho:

/.../ **Quase a par de Ana de Oliveira, devemos colocar Regina Gonçalves, a atleta beiramarense que, iniciando a época discretamente, tem subido de prova para prova e veio até este fim-de-semana a Lisboa bater o «record» nacional júnior dos 1.500 metros. O tempo foi de 4.25,3 — mínimo para os «Euro-Juniores» de Utrecht no mês que vem, constituindo uma melhoria de 5 décimos em relação ao «record» júnior que ela própria obtivera o ano passado (Lisboa, 27 de Abril). Além disso, este resultado é o segundo de sempre nas listas absolutas do nosso País.**

Regina Gonçalves, com toda a lógica e sem oposição alguma, tal como nos 1.500 metros, ganharia ainda a corrida de 3 quilómetros, com 9.45,3 s.

A Arnaldo Abrantes e a Regina Gonçalves — beiramarenses em muita evidência! — os nossos parabéns.

ATLETISMO

CAMPEONATOS NACIONAIS *de* VELOCIDADE marcados para AVEIRO nos dias 1 e 2 de Agosto

REMO

A Federação Portuguesa do Remo cometeu à Secção Náutica do Clube dos Galitos a responsabilidade de organizar, na época em curso, os Campeonatos Nacionais de Velocidade, para barcos do tipo «shell», na pista do Rio Novo do Príncipe.

Aveiro voltará, portanto, a ser palco das magnas competições do salutar desporto que é o remo, nas regatas que terão lugar em 1 e 2 de Agosto próximo.

Espera-se que estejam presentes cerca de seiscentos atletas, envergando as camisolas de cerca de vinte clubes.

BALANÇO DAS PROVAS DA

Associação de Futebol de Aveiro

Concluindo, hoje, o balanço das diversas provas da Associação de Futebol de Aveiro, vamos arquivar as classificações apuradas nos campeonatos de jovens — Juniores, Juvenis e Iniciados.

Foram as seguintes:

JUNIORES

ZONA A

1.° — Lusitânia de Lourosa, 14 v. 4 e. (54-9), 50 pontos. 2.° — Feirense, 11 v. 5 e. 2 d. (39-16), 45 pontos. 3.° — Cesarense, 11 v. 4 e. 3 d. (55-16), 44 pontos. 4.° — Argoncilhe, 9 v. 4 e. 5 d. (26-20), 40 pontos. 5.° — Relâmpago Nogueirense, 7 v. 5 e. 6 d. (36-36), 6.° — Paços de Brandão, 8 v. 3 e. 7 d. (24-20), 37 pontos. 7.° — Paivense, 6 v. 2 e. 10 d. (26-53), 32 pontos. 8.° — S. João de Ver, 6 v. 1 e. 11 d. (17-23), 31 pontos. 9.° — Fiães, 3 v. 1 e. 14 d. (20-40), 24 pontos. 10.° — Sanguedo, 1 e. 17 d. (10-74), 15 pontos.

ZONA B

1.° — Ovarense, 12 v. 4 e. 2 d. (38-8), 46 pontos. 2.° — Avanca, 12 v. 2 e. 4 d. (44-16), 44 pontos. 3.° — Valecambrense, 9 v. 5 e. 4 d. (26-16), 41 pontos. 4.° — Oliveirense, 9 v. 5 e. 4 d. (35-21), 41 pontos. 5.° — Arrifanense, 9 v. 4 e. 5 d. (31-19), 40 pontos. 6.° — Cucujães, 7 v. 1 e. 10 d. (18-28), 33 pontos). 7.° — Real Nogueirense, 5 v. 3 e. 10 d. (21-37), 31 pontos. 8.° — S. Vicente de Pereira, 4 v. 5 e. 9 d. (16-32), 31 pontos. 9.° — Pessegueirense, 4 v. 3 e. 11 d. (25-40), 29 pontos. 10.° — Carregosense, 1 v. 4 e. 13 d. (12-48), 24 pontos.

ZONA C

1.° — Oliveira do Bairro, 16 v. 2 d. (58-8), 50 pontos. 2.° — Beira-Mar, 14 v. 3 e. 1 d. (59-14), 49 pontos. 3.° Recreio de Águeda, 14 v. 2 e. 2 d. (57-8), 48 pontos. 4.° — Pampilhosa 8 v. 3 e. 7 d. (22-39), 37 pontos. 5.° — Bustos, 7 v. 5 e. 6 d. (16-26), 37 pontos. 6.° — Alba, 4 v. 5 e. 9 d. (15-31), 31 pontos. 7.° — Mealhada, 3 v. 4 e. 11 d. (17-45), 28 pontos. 8.° — Gafanha, 2 v. 5 e. 11 d. (14-37), 27 pontos. 9.° — Valonguense, 3 v. 3 e. 12 d. (19-54), 27 pontos. 10.° — Fermentelos, 2 v. 4 e. 12 d. (16-40), 26 pontos.

● As duas equipas melhor pontuadas de cada zona (Lusitânia de Lourosa, Feirense, Ovarense, Avanca, Oliveira do Bairro e Beira-Mar) participaram, depois, na fase final que, nas «poules» preliminares, forneceu as seguintes tabelas:

Zona Norte — 1.° — Lusitânia de Lourosa, 2 v. 2 e. (7-3), 10 pontos. 2.° — Ovarense, 1 v. 2 e. 1 d. (6-7), 8 pontos. 3.° — Feirense, 1 v. 3 d. (6-9), 6 pontos.

Zona Sul — 1.° — Beira-Mar, 3 v. 1 d. (11-1), 11 pontos. 2.° — Oliveira do Bairro, 2 v. 1 e. 1 d. (4-3), 9 pontos. 3.° — Avanca, 4 d. (1-12) 4 pontos.

Ficou campeão distrital o Beira-Mar que, no prélio decisivo (em Oliveira de Azeméis), derrotou o Lusitânia de Lourosa, por 1-0.

JUVENIS

SÉRIE A

1.° — Lusitânia de Lourosa, 7 v. 2 e. 3 d. (24-7), 28 pontos. 2.° — Paços de Brandão, 7 v. 2 e. 3 d. (30-18), 28 pontos. 3.° — Esmoriz, 7 v. 1 e. 4 d. (20-18), 27 pontos. 4.° — Espinho, 6 v. 1 e. 5 d. (23-12), 25 pontos. 5.° — União de Lamas, 3 v. 4 e. 5 d. 10-16), 22 pontos. 6.° — Fiães, 1 v. 5 e. 6 d. (5-16), 19 pontos. 7.° — Argoncilhe, 2 v. 2 e. 8 d. (14-38), 18 pontos.

SÉRIE B

1.° — Feirense, 8 v. 2 d. (14-5), 26 pontos. 2.° — Sanjoanense, 7 v. 1 e. 2 d. (19-7), 25 pontos. 3.° — Cortegaça, 5 v. 1 e. 4 d. (17-9), 21 pontos. 4.° — Ovarense, 3 v. 3 e 4 d. (15-14), 19 pontos. 5.° — Oliveirense, 4 v. 1 e. 5 d. (12-14), 19 pontos. 6.° — Bustelo, 10 d. (4-32), 10 pontos.

SÉRIE C

1.° — Alba, 9 v. 2 e. 1 d. (33-9), 32 pontos. 2.° — Avanca 8 v. 1 e. 3 d. (27-9), 29 pontos. 3.° — Beira-Mar, 7 v. 2 e. 3 d. (22-11), 28 pontos. 4.° — Gafanha, 6 v. 3 e. 3 d.

Continua na penúltima página

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.° 49 DO «TOTOBOLA»

26 de Julho de 1981

1 —	Wiener — Nathanya	1
2 —	St. Liége — Duisburgo	1
3 —	Copenhaga — Sturm Graz	1
4 —	W. Bremen — Malmo	1
5 —	S. Pleven — Zurique	X
6 —	Titograd — Oesters	X
7 —	Aarhus — Brno	X
8 —	Lask — Borlange	1
9 —	Molenbeek — Yong Boys	1
10 —	Gotamburgo - Grasshoppers	1
11 —	Hertha — Bohemians	1
12 —	Marek — Stuttgarter	X
13 —	Naestved — Antuérpia	2

SPORTING DE AVEIRO

Prova Comemorativa do Aniversário do Pavilhão Náutico

Como oportunamente anunciámos, o Sporting Clube de Aveiro organizou, na manhã do penúltimo domingo, 5 de Julho, uma prova de natação, comemorativa do décimo aniversário do seu Pavilhão Náutico.

A competição disputou-se na Ria, em percurso de cerca de meia-milha contra a corrente, estando a meta de chegada junto do pavilhão dos «leões» aveirenses.

Apuraram-se as seguintes classificações:

CADETES — 1.° Pedro Labrincha. 2.° — Francisco Pereira. 3.° — Sandra Neto. 4.° — Cristina Fontes. 5.° — Ana Portugal Cunha.

ABSOLUTOS — 1.° — Alberto Fonseca. 2.° — Helder Pereira. 3.° — António Portugal Cunha. 4.° — Mário Pinho. 5.° — Agostinho Oliveira.

Continua na penúltima página

Exmº Senhor
João Sarabando
AVEIRO